



nº 14 - julho de 2015

A Estética da Recepção e sua aplicabilidade pelo Método Receptional: uma apresentação de Machado de Assis

*Marcela Verônica da Silva**
*Rita de Cássia Lamino de Araújo***

RESUMO

Pensando na importância de aproximar o jovem leitor da literatura canônica de modo que a leitura dos clássicos torne-se significativa, o presente artigo tem por objetivo apresentar, com base no Método Receptional proposto por Bordini e Aguiar (1988), criado sob a luz da teoria da Estética da Recepção desenvolvida pelo estudioso alemão Hans Robert Jauss, uma sequência didática que apresente a figura emblemática de Machado de Assis e viabilize o acesso do leitor em formação, sobretudo dos últimos anos do Ensino Fundamental II, a suas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Método Receptional; Machado de Assis

ABSTRACT

Given the importance of bringing the young reader of canonical literature so that this reading become significant, this paper aims to present, based on the reception method proposed by Bordini and Aguiar (1988), created under the theory of Aesthetics of Reception, developed by the Hans Robert Jauss, a didactic sequence that show the emblematic figure of Machado de Assis and makes possible the access of the reader in formation, especially for those in the last years of elementary school, to his works.

KEYWORDS: Reading; Reception Method; Machado de Assis

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, docente do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR, Três Corações-MG, Brasil – maveronica83@yahoo.com.br.

** Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, Jacarezinho-PR, Brasil – rilalamino@hotmail.com.

Introdução

A literatura tem por principal função a “capacidade de confirmar a humanidade do homem” (CANDIDO, 2002, p. 77). Apesar de constar como parte da disciplina de língua portuguesa nos programas de ensino, o que se nota, no entanto, é que o ensino da literatura em sala de aula, não raras vezes, tem sido introduzido e desenvolvido de maneira equivocada e, ao invés de aproximar os jovens dos livros, acaba por desenvolver no aluno o sentimento de desânimo e repulsa diante da obra literária.

Um dos motivos da pouca eficácia do ensino da literatura consiste na falta de hábito de leitura do próprio professor e no desconhecimento de metodologias para o tratamento do texto literário. Assim, desprovidos de ferramentas eficazes, os professores deixam-se guiar, muitas vezes, apenas pelo livro didático, que, na maioria dos casos, apresenta textos fragmentados e atividades mecânicas com respostas já preestabelecidas que não privilegiam a reflexão do aluno.

Para o ensino eficaz da literatura na escola é necessário que o professor leve em consideração as opiniões e os sentimentos do aluno em relação ao texto literário, de modo a proporcionar-lhe um maior conhecimento da sociedade, dos homens e de si mesmo. Conforme ressalta Todorov:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*. (2009, p. 31. Grifos nossos).

Sendo assim, o trabalho com o texto literário deve ser equilibrado na medida em que valorize a leitura subjetiva do aluno e, a partir dela, leve-o a perceber que essa leitura demanda um processo de interação do texto com o leitor, sendo, portanto, a presença deste fundamental para a construção do sentido, na medida em que se pode explorá-lo em seus mais diversos aspectos. Segundo Cosson: “os sentidos são resultados, compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (2006, p. 27).

A leitura, pois, para compartilhar essas visões de mundo, deve ser pertinente, uma vez que o texto, apesar de possibilitar amplos direcionamentos no ato da

interpretação, possui limites que também a restringem. Dessa mesma visão, compartilha Compagnon (1999, p.155), para quem “a leitura, guiada por uma preocupação de equilíbrio ponderado, faz parte da estrutura do texto e da interpretação do leitor”. Ela confere ao leitor um papel, ao mesmo tempo, livre e imposto, e essa reconciliação do texto com o leitor, deixando de lado o autor, parece originar as muitas discussões da teoria literária. A principal delas é a abertura demasiada dada ao leitor, que gera a superinterpretação¹.

Entre os diversos textos literários que devem ser lidos em sala de aula, destacam-se os considerados canônicos devido ao seu caráter atemporal e ao fato de serem representantes de toda uma tradição cultural. Para Calvino, a leitura dessas obras pode ser formativa “no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza” (CALVINO, p.10).

Segundo Leite (1983, *apud* COSSON, 2006, p. 29), cabe ao professor desmistificar o preconceito atribuído ao texto literário, visto como um monumento, inserido em sala de aula, apenas para reverência e admiração do gênio humano. Para tanto, deve focar-se no aluno, introduzindo a literatura canônica de uma maneira gradual, a partir da apresentação de textos de temática mais próxima da realidade dos jovens, levando em consideração seus interesses, leituras já realizadas e suas expectativas, de modo a motivá-los para depois desafiá-los com textos mais complexos. Desse modo, o professor criará condições para que o aluno ultrapasse a simples leitura do texto literário de modo a retirar dela sentido para a sua vida e para a sociedade em que vive.

1 As abordagens sobre o leitor: teoria e metodologia

As contribuições de teóricos como Umberto Eco, Roland Barthes e dos professores da Escola de Constance permitiram que a teoria da literatura deixasse de priorizar o texto como entidade autônoma e passasse a atribuir maior importância ao leitor. Com isso, o texto deixou de se apresentar como uma organização de símbolos linguísticos autônomos, com a função de transmitir os pensamentos e as ideias de seu

¹ Cf. Eco (1993a).

autor e o “leitor passou a ter papel distintivo no processo de conhecimento e descrição da obra de arte literária” (ZILBERMAN, 2001, p. 87).

Aliando autor e leitor, Barthes (1987) estabelece uma comunhão para se chegar ao espaço do puro prazer, cujo ponto de partida é o desejo. Segundo o teórico, para que autor e leitor coexistam ao longo do texto, este tem de estar repleto de emoções, pois sua falta afasta, automaticamente, o leitor do livro. Indagando-se constantemente sobre que tipo de prazer pode um leitor sentir quando lê, o teórico traça um percurso que o leitor percorrerá a partir das dicotomias entre prazer e fruição, linguagem e língua, e, sobretudo, o que há de real e de ficção que possa ser extraído do texto. Entretanto, ressalta que é primordial que haja uma comunhão entre o autor e o leitor para que ambos possam, no momento do gozo, cortar o elo que os mantêm suspensos.

A Estética da Recepção, desenvolvida por Hans Robert Jauss (1994), focaliza a experiência de leitura e propõe como primeira premissa o fato dos dois - leitor e obra -, estarem inseridos em horizontes históricos, sociais e culturais. Assim, elabora a teoria do *Horizonte de Expectativas*, combinações estético-ideológicas que viabilizam a criação e a recepção de um texto que, para Zilberman (1982, p. 103), “podem ser de teor social, intelectual, linguístico, literário e afetivo”.

No instante de concepção e recepção de uma obra literária, ocorre o envolvimento dos horizontes de expectativas do autor e do leitor, uma vez que o conhecimento de mundo do escritor é demonstrado na obra e as experiências de vida do leitor são ativadas e transferidas a ela no ato da leitura. A obra literária é ponto de encontro das duas visões de mundo, que podem se identificar ou repelir-se. O ato de recepção, assim, depende do grau de aproximação que se estabelece entre ela e o leitor, tendo em vista aspectos sociais, culturais e ideológicos de ambos.

Assim, o leitor que se submete à experiência com a obra “difícil”, toma consciência de que há uma distância entre o assunto disseminado e seu conhecimento de mundo, que poderá ser superado por meio de uma maior atenção à estética e à temática, de modo a perceber suas inovações diante das demais obras; deverá também ser capaz de distinguir o uso poético do uso prático da linguagem, para compreender o modo como representam a sociedade. Suas observações devem contemplar os aspectos extratextuais - sociais, históricos, culturais e ideológicos - que envolvem a obra. O processo de compreensão conclui-se após a aceitação e a inclusão da obra em seu horizonte de expectativas, que tanto pode permanecer como era ou alterar-se a partir de novas leituras.

Embora o pressuposto teórico de Jauss não tenha refletido sobre o texto literário na escola, Bordini e Aguiar (1988) o utilizaram como base teórica para o desenvolvimento do Método Receptional. O professor, a partir da sondagem do horizonte de expectativas de seus alunos, apresenta situações que questionam seus conhecimentos. Em seguida, apresenta outros textos que rompem com suas expectativas e os fazem pensar de maneira crítica. Desse modo, parte-se de um texto familiar ao aluno, que corrobore com suas vivências para, em seguida, apresentar-lhe outro que se distancie das suas expectativas.

Segundo Bordini e Aguiar (1988, p. 88), a transformação do horizonte de expectativas do aluno depende de cinco conceitos: 1) *receptividade*, a aceitação do novo; 2) *concretização*, atualização do texto a partir das vivências imaginativas; 3) *ruptura*, ação que distânciava o horizonte cultural do aluno da nova proposta suscitada pela obra; 4) *questionamentos*, revisão de interesses e comportamentos; e 5) *assimilação*, aceitação e integração de novos sentidos à vida do aluno.

Nota-se, pois, que o leitor passa a ter papel importante na teoria literária e pensar no leitor envolve pensar em sua formação pela escola, que, nesse sentido, deve buscar nas fontes teóricas uma possibilidade de aplicação. O Método Receptional, desse modo, tem como objetivo criar condições para que o aluno se transforme em um leitor instrumentalizado, que possa de fato ser capaz de *interpretar* o texto, e não apenas *usá-lo*² de modo arbitrário.

2 Quem tem medo de Machado de Assis?

Machado de Assis é um dos escritores brasileiros mais temidos (quando não ignorados) entre os adolescentes. Seja pelo tom filosófico de suas reflexões ou mesmo pelo conservadorismo da linguagem arcaica (já em sua época), a leitura de suas obras é muitas vezes associada pelos alunos a uma atividade enfadonha. O trabalho com a literatura machadiana, pois, requer do professor um aparelhamento metodológico que prepare o aluno gradualmente, pois é imprescindível que esse contato se estabeleça. As histórias contidas nas obras de Machado de Assis, conforme ressalta Tufano (2003, p.8),

² Umberto Eco, em seu *Lector in Fabula* (1993, p. 62-63), diferencia *uso*, maneira livre, aberrante, desiderativa e maliciosa de se ler uma obra, de *interpretação*, que exige sempre algum limite, já que “a noção de interpretação sempre envolve uma dialética entre estratégia do autor e resposta do Leitor-Modelo”.

“fazem pensar sobre valores morais e éticos, sobre o amor e o egoísmo, a mentira e a verdade, a justiça e a injustiça, enfim – sobre a vida humana”.

A obra de Machado de Assis necessita, pois, de um leitor que estabeleça de fato uma relação com o texto. Que explore o texto de acordo com seu campo de vivências, mas que saiba, também, deslocar-se do seu contexto para enxergar as intenções ou pistas que o autor-modelo deixou como guias na estrutura do texto. Desse modo, o leitor poderá desfrutar do prazer do texto, conforme a acepção de Barthes (1987), que aponta que a função primordial de um texto é estabelecer uma espécie de conexão entre seu autor e leitor, de modo que ambos passem a coexistir dentro de seu contexto.

O Método Recepcional desenvolve-se em cinco etapas que se fundamentam na “atitude participativa do aluno em contato com diferentes textos” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 85). Assim, o desenvolvimento da proposta de ensino visa apresentar ao jovem leitor a obra do escritor brasileiro Machado de Assis e possibilitar a compreensão e a interpretação de seus contos e romances tendo em vista uma incursão que parta de elementos biográficos (que na realidade não são estritamente necessários, mas ajudam a estabelecer uma proximidade com o autor) e, principalmente, privilegie seu estilo que prima pela sugestão, ambiguidade e ironia. A abordagem prevê a utilização de outros textos que permitam o diálogo com a obra seminal.

Na primeira etapa do método, que consiste na *determinação do horizonte de expectativas* da classe, a partir do interesse literário dos alunos, o professor apresenta à turma um retrato de Machado de Assis. Após indagar sobre quem poderia ser a personalidade, procede à sondagem, de modo a descobrir o que os alunos sabem a respeito do escritor.

Depois de ouvir os alunos, o professor distribui cópias da poesia Cordel para Machado de Assis: o bruxo do Cosme Velho, escrita por Gustavo Dourado. Após apresentar o autor, inicia a leitura do texto, que deve ser feita de modo a enfatizar a oralidade presente na poesia. Terminada a leitura, o professor promove uma discussão informal, chamando a atenção para o tema expresso do cordel, ou seja, a vida de Machado de Assis, e o modo como o cordelista a apresenta no poema popular.

Em seguida, o professor divide a classe em grupos e pede para que procurem informações sobre: 1) a infância de Machado de Assis; 2) a participação de Machado na imprensa brasileira; 3) o contexto sócio histórico; 4) a carreira literária do autor: em quais gêneros escreveu? Quais foram as obras que o autor escreveu?

A partir das considerações surgidas pela leitura do cordel e diante da constatação de que a classe se interessou pela história de vida de Machado de Assis, o professor desenvolverá as demais aulas de literatura, sempre tornando as discussões mais complexas de modo gradativo.

Assim, o professor passa para a segunda etapa do Método Recepcional, que consiste no *atendimento do horizonte de expectativas* do aluno. Nesta proposta, a sugestão é apresentar aos alunos a obra *O Menino e o Bruxo*, escrita por Moacyr Scliar, que tenta completar, por meio da imaginação, as lacunas da vida do escritor canônico, transformando-o em personagem. Desse modo, tece breves considerações sobre o autor Moacyr Scliar e apresenta o livro questionando o título em relação à temática da obra, de modo a criar expectativas e hipóteses de leitura.

Para essa etapa sugere-se as seguintes questões: 1) O título chamou sua atenção? Por quê?; 2) O que ele sugere?; 3) Por meio da leitura do título é possível imaginar o assunto que será apresentado pelo livro?; 4) Sobre a ilustração: descreva a imagem?. Conforme os alunos forem sugerindo suas hipóteses, o professor pede para que as anotem no caderno para, depois de lida a obra, comparar se as hipóteses formuladas coincidem com o que foi escrito pelo autor. Depois disso, o professor instiga os alunos à leitura do livro, lendo a introdução: “Nesta ficção baseada em fatos reais, você vai descobrir o que transformou a vida de Joaquim Maria e como ele se tornou uma das pessoas mais célebres desse país – reverenciado até hoje” (SCLIAR, 2007, p. 5).

Após a leitura da obra de Scliar, o professor reúne a classe em grupos e escreve o título do livro (*O menino e o Bruxo*) no quadro, pedindo que retomem as hipóteses que fizeram sobre o título e a ilustração, de modo a verificar se as expectativas levantadas antes da leitura da obra condizem com o conteúdo apresentado. Após apresentarem suas considerações, o professor relaciona o título à expressão “*O Bruxo do Cosme Velho*” e realiza a leitura do poema de Carlos Drummond de Andrade, *A um bruxo, com Amor*, presente em *Alguma Poesia* (2013).

Logo depois, o professor apresenta alguns questionamentos sobre a obra a serem discutidos e respondidos pelos alunos em seus cadernos, tais como: 1) Qual é o foco narrativo dessa obra?; 2) O autor é personagem ou apenas conta a história sem se envolver?; 3) Onde e em que tempo a história se passa?; 4) Quais textos literários do autor são citados na obra?; 5) As referências apresentadas para o personagem Joaquim Maria condizem com as da vida de Machado de Assis na realidade? Como o menino é chamado no livro? E o escritor? O que isso demonstra?; 6) O que ocorre quando o

menino Joaquim Maria vai ao jardim de Machado de Assis? O menino Joaquim Maria consegue convencer o escritor Machado de Assis a mudar o final da história da jovem Capitolina?; e 7) Quais emoções e sentimentos a obra despertou em você?.

Finalizado esse momento, o professor leva os alunos a perceber a relação entre a obra ficcional e o contexto real em que viveu Machado de Assis. Em seguida, pode ser sugerida a realização de uma exposição que contemple a obra *O Menino e o Bruxo*, como uma mostra fotográfica do contexto real do Rio de Janeiro do final do século XIX e fotografias e pinturas de Machado de Assis, bem como dos contos e poemas mencionados na obra de Scliar.

Espera-se que, com as leituras, os alunos percebam o jogo entre o real e o fictício e, principalmente, sintam-se curiosos e receptivos para a leitura da obra de Machado de Assis.

A obra de Moacyr Scliar, por apresentar sob a perspectiva da metaficção historiográfica vários elementos que dialogam com a obra machadiana, direta ou indiretamente, permite ao aluno conhecer tanto o fator biográfico quanto as obras do escritor oitocentista. Há em *O Menino e o Bruxo* trechos transcritos de contos de Machado de Assis. O leitor que conhece a obra machadiana facilmente reconhecerá nesses trechos o estilo do escritor.

Na terceira etapa, a *ruptura do horizonte de expectativa* do aluno, optou-se pela leitura e discussão do conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, mencionado na obra de Scliar. O conto apresenta a temática do adultério de modo velado, uma vez que a sedução exercida pela personagem feminina dá-se por meio de ambiguidades.

Para apresentar o conto e instigar a curiosidade dos alunos, levando-os a criar expectativas e hipóteses, o professor questiona-os a respeito do que acham que o conto narra. Após essa discussão, o professor pergunta se os alunos se lembram da referência a esse conto no livro de Moacyr Scliar. Caso a resposta seja afirmativa, pede para que comentem de que modo o conto aparece no livro.

Feito isso, o professor lê o conto para a turma. Pretende-se que o aluno tenha suas expectativas abaladas durante a leitura, pois, apesar de apresentar um tema comum - o adultério -, o estilo ambíguo com que Machado de Assis constrói o discurso da personagem Conceição (que utiliza artifícios para seduzir o narrador, então com 17 anos) não permite a confirmação da traição ao marido. Com o falecimento do consorte, as expectativas do leitor novamente são abaladas, pois Conceição não volta a procurar o

narrador: ao contrário, casa-se com um personagem que não havia sido mencionado na história.

Após a leitura do conto, o professor realiza uma discussão focalizando a questão do adultério e o modo como é sugerido no conto. Os alunos podem consultar o dicionário em busca do conceito de adultério e as discussões podem ser norteadas por algumas questões, tais como: 1) Como Conceição é descrita pelo narrador de Machado de Assis?; 2) Como é a relação de Conceição e seu marido?; 3) Quais artifícios são utilizados por Conceição para seduzir o narrador?; 4) Há algum indício de adultério no conto?; e 5) Como deveria se comportar a mulher do século XIX?

Após a reflexão sobre o texto, o professor retoma o fragmento do livro de Scliar, em que se alude ao conto A Missa do Galo. O personagem Machado de Assis explica para Joaquim Maria, jovem Machado de Assis, seu método de escrever, que prima pela sugestão. Tendo em vista que a atividade de ruptura deve ser mais complexa, o professor propõe que levem em consideração o método da sugestão presente no conto e escrevam uma narrativa sobre um caso amoroso adúltero no século XXI, assim como Machado de Assis, no livro de Scliar, sugeriu que o menino Joaquim Maria fizesse. Após a correção pelo professor, procede-se à leitura desses textos em sala de aula.

Na quarta etapa do Método Recepional, o aluno é direcionado a um *questionamento do horizonte de expectativas*. Retomando os textos das etapas anteriores, o professor orienta a turma a uma autoavaliação. Para tanto, pede que os alunos escrevam individualmente um texto, posicionando-se sobre os textos lidos. O aluno deverá perceber que o texto oferecido na etapa anterior (ruptura) trouxe-lhe mais dificuldades de leitura, porém, garantiu-lhe maior conhecimento, o que ajudou a ampliar seus horizontes em relação à vida e à obra de Machado de Assis. Posteriormente, alguns alunos serão convidados para ler seus textos para a turma.

A quinta etapa do Método Recepional é a *ampliação do horizonte de expectativas*. As leituras oferecidas e o trabalho efetuado a partir delas possibilitam ao aluno uma reflexão e uma tomada de consciência das mudanças e das aquisições, levando-o a uma ampliação de seus conhecimentos sobre a vida e a obra de Machado de Assis. Para essa etapa, o professor poderá solicitar a leitura do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e, no dia previsto para a discussão, pode-se optar pela focalização da personagem Capitu. O professor pedirá a leitura da obra e, após o prazo estabelecido (cerca de quinze dias), fará a leitura dos capítulos XXXII – Olhos de ressaca e XXXIII – Penteado para discussão. A partir da leitura desses dois capítulos, o professor poderá

abordar com a turma a posição da mulher no século XIX, discutindo com eles a possível traição de Capitu.

O objetivo é proporcionar aos alunos uma reflexão a respeito de todo o conteúdo desenvolvido nas aulas, de modo a mostrar a atualidade da obra de Machado de Assis, na medida em que ela apresenta temas, como o adultério, até hoje presentes em nossa sociedade. Após a leitura desses diferentes textos, acredita-se que o aluno terá expandido o seu horizonte de expectativas. Ao término dessa sequência, o professor poderá sugerir outros trabalhos do escritor Machado de Assis, principalmente aqueles que abordem a questão do adultério sobre outra perspectiva, dando início a um novo ciclo de atividades a partir do Método Recepcional.

Jauss (*Apud* Zilberman, 2008, p. 90-92) considera que entre a obra e o leitor se estabelece uma relação dialógica que não é fixa, já que as leituras diferem a cada época e o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular. Os leitores, ao se depararem com *Dom Casmurro*, recorrem à sua história de leituras. Assim, o diálogo entre a obra e o leitor coloca frente a frente duas histórias, a partir das quais se estabelece uma troca: o leitor incorpora a leitura de *Dom Casmurro*, com todos os elementos que o romance traz consigo, à sua própria história; *Dom Casmurro*, por sua vez, agrega a sua identidade de obra literária a leitura desse leitor, que fará uma decodificação específica do texto a partir de sua matriz pessoal e cultural.

Considerando-se, pois, que a metodologia de Bordini e Aguiar (1988) baseada na teoria de Jauss prevê a apresentação gradual de textos ao aluno, de modo a criar condições para que seu horizonte de expectativas acolha a leitura de obras cada vez mais complexas, considera-se pertinente a proposta descrita. Sabe-se, no entanto, que a escola brasileira, muitas vezes, não possui estrutura para a efetiva aplicação desse método, uma vez que o acesso a computadores e a quantidade insuficiente de material de leitura constituem empecilhos ao trabalho do professor. Junta-se a isso a excessiva carga horária de trabalho de muitos docentes, que encontram dificuldades em conduzir um método que demande sucessivos encontros. Sugere-se, pois, na ausência de condições para a condução das atividades propostas acima no contexto da disciplina obrigatória do currículo escolar, que elas sejam aplicadas no formato de oficinas.

Considerações Finais

Com este artigo objetivou-se apresentar uma abordagem teórica e metodológica a partir de uma possível unidade didática que versasse sobre a obra de Machado de Assis, bem como sobre a ambiguidade presente em seu estilo, tendo como tema condutor a temática do adultério feminino presente no conto *Missa do Galo* e no romance *Dom Casmurro*. A escolha do trabalho com a obra machadiana deveu-se à necessidade de proporcionar ao leitor em formação o contato com obras canônicas, objetos de resistência por parte dos alunos.

Em um primeiro momento, foram apresentadas considerações acerca da importância da literatura na formação dos seres humanos e a sua presença deficiente na escola, destacando a necessidade de trabalhos efetivos com a literatura canônica de modo a aproximá-la dos jovens leitores. Em seguida, foram expostas as cinco etapas do Método Recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988). Embora a aplicação do método exija tempo e dedicação do professor para a sua efetiva realização, permite a utilização de textos dos mais variáveis níveis de leitura. Por fim, buscando exemplificar a aplicação do método, propôs-se uma unidade didática que contemplasse a abordagem biográfica, bem como a obra de Machado de Assis, com destaque para o seu estilo, que prima pela ambiguidade. Espera-se, com essa proposta, colaborar para o enriquecimento do ensino da literatura, sobretudo a de Machado de Assis, em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os Clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CANDIDO, Antônio. A Literatura e a Formação do Homem. In: _____. *Textos de Invenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 137-161.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DOURADO, Gustavo. Cordel para Machado de Assis: o Bruxo do Cosme Velho. Disponível em: <<http://www.nosrevista.com.br/2008/06/18/gustavo-dourado-escreve-cordel-para-machado-de-assis-o-bruxo-do-cosme-velho-para-comemorar-o-centenario-de-sua-morte/>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

ECO, Umberto. O Leitor-modelo. In: _____. *Lector in fabula*. Trad. Mário Brito. Lisboa: Presença, 1993a

_____. *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 1993b, p. 62-63.

_____. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

SCLIAR, Moacir. *O Menino e o Bruxo*. São Paulo: Ática, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TUFANO, Douglas. *Machado de Assis: questões éticas em discussão*. São Paulo: Paulus, 2006.

WINTZEL, Antônio Henrique. *Folclore Literário e Linguístico*. 2. ed. ver. e ampl. Juiz de Fora: EDFTF, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. Recepção e leitura no horizonte da literatura. In: _____. *Revista Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, Jan./Jun. 2008.

Data de submissão: 19/03/2015

Data de aprovação: 26/04/2015